



## NORMAN MALCOLM SOBRE O PONTO DE VISTA RELIGIOSO DE WITTGENSTEIN

Alison Vander Mandeli<sup>1</sup>

**RESUMO:** Em uma das conversas com o ex-aluno e amigo Maurice Drury, Wittgenstein disse a seguinte frase: “Eu não sou um homem religioso, mas não consigo deixar de ver todo problema a partir de um ponto de vista religioso”. Drury sentiu-se impressionado com a frase. Em um livro de lembranças diz que a sentença levanta a possibilidade de que existam dimensões do pensamento de Wittgenstein que estejam ainda amplamente ignoradas. Hoje, contudo, o cenário é um pouco diferente do descrito por Drury. Tais dimensões do pensamento wittgensteiniano não estão de todo ignoradas. Não há consenso exegetico, mas a frase “Eu não sou um homem religioso, mas não consigo deixar de ver todo problema a partir de um ponto de vista religioso”, tem gerado várias interpretações, questões e comentários. O objetivo do presente artigo é discutir o texto que origina os debates relacionados à frase de Wittgenstein, a saber, o ensaio Wittgenstein: a Religious Point of View?, de Norman Malcolm. Segundo Malcolm, é possível traçarmos quatro analogias entre a filosofia de Wittgenstein, por um lado, e algumas características pertencentes à religião, por outro. Apresentaremos uma visão geral dessa estratégia analógica e discutiremos as analogias uma a uma. De tal modo, nossa abordagem neste primeiro momento será descritiva, precedendo um estudo posterior no qual apresentaremos algumas críticas à proposta de Malcolm e uma interpretação alternativa da célebre frase de Wittgenstein.

**Palavras-chave:** Wittgenstein; Filosofia da religião; Norman Malcolm

---

1 Universidade Estadual do Norte do Paraná- UENP. Email: [alison\\_vander@hotmail.com](mailto:alison_vander@hotmail.com)

## NORMAN MALCOLM ON WITTGENSTEIN'S RELIGIOUS POINT OF VIEW

**ABSTRACT:** In a conversation with his former student and friend Maurice Drury, Wittgenstein said the following phrase: "I am not a religious man, but I can't help seeing every problem from a religious point of view". Drury felt impressed by the phrase. In a memoir says that the sentence raises the possibility that there are dimensions of Wittgenstein's thought that are still largely ignored. Today, however, the situation is somewhat different from that described by Drury. There is no exegetical consensus, but the phrase "I am not a religious man, but I can't help seeing every problem from a religious point of view", has generated various interpretations, questions and comments. The aim of this paper is to discuss the text that gives rise to the debates related to Wittgenstein's phrase, namely, Norman Malcolm's essay, *Wittgenstein: a Religious Point of View?*. According to Malcolm, it is possible to draw four analogies between Wittgenstein's philosophy, on the one hand, and some features belonging to religion, on the other. We will present an overview of this analogical strategy and discuss the analogies one by one. In this way, our approach in this first moment will be descriptive, preceding a later study in which we will present some criticisms of Malcolm's proposal and an alternative interpretation of Wittgenstein's famous phrase.

**Keywords:** Wittgenstein; philosophy of religion; Norman Malcolm

### 1. INTRODUÇÃO

Em uma das conversas com o ex-aluno e amigo Maurice Drury, Wittgenstein disse a seguinte frase: "Eu não sou um homem religioso, mas não consigo deixar de ver todo problema a partir de um ponto de vista religioso" (DRURY, 1984, p.79). Drury sentiu-se impressionado com a frase. Em um livro de lembranças diz que a sentença levanta a possibilidade de que existam dimensões do pensamento de Wittgenstein que estejam ainda amplamente ignoradas (cf. DRURY, 1984, p.79). Hoje, contudo, o cenário é um pouco diferente do descrito por Drury. Tais dimensões do pensamento wittgensteiniano não estão de todo ignoradas. Não há consenso exegetico, mas a frase "Eu não sou um homem religioso, mas não consigo deixar de ver todo problema a partir de um ponto de vista religioso" (a partir de agora "frase-W"), tem gerado várias interpretações, questões e comentários<sup>2</sup>. Podemos enumerar algumas destas questões, elucidando este âmbito da filosofia wittgensteiniana. Primeiramente, a filosofia de Wittgenstein possui um ponto de vista religioso? Se sim, qual a exata

<sup>2</sup> Por exemplo: MALCOLM, 1993; SHIELDS, 1993; DEANGELIS, 1997; LABRON, 2006; FRONDA, 2010. Dentre outros.

relação entre a religião e sua filosofia? E qual ponto de vista religioso deve ser considerado? Levar em conta esse âmbito do pensamento de Wittgenstein será útil para melhor compreendermos suas visões filosóficas? Além dessas questões, que possuem um teor mais (mas, não só) exegético, poderíamos também perguntar se, em geral, compreenderíamos melhor os problemas gerados pela religião ou pela filosofia ao buscar esclarecer o ponto de vista religioso/filosófico de Wittgenstein.

A origem da discussão relacionada à frase-W se deve a um influente ensaio escrito por Norman Malcolm, ensaio que seria a última peça filosófica do distinto wittgensteiniano antes de sua morte no verão de 1990. O texto foi publicado em 1993, com o título *Wittgenstein: a Religious Point of View?*, e contém, além do ensaio de Malcolm, um prefácio e um comentário crítico escritos por Peter Winch. A hipótese interpretativa de Malcolm se desenvolve pelo estabelecimento de uma analogia entre as “concepções filosóficas e religiosas do filósofo”. Nas palavras dele:

Existem quatro analogias entre a concepção de Wittgenstein da gramática da linguagem e sua visão do que é importante em uma vida religiosa. Primeiro, em ambas existe um fim para a explicação; segundo, em ambas existe uma inclinação para nos surpreendermos com a existência de alguma coisa; terceiro, em ambas existe a noção de uma ‘enfermidade’; quarto, em ambas fazer e agir têm prioridade sobre a compreensão intelectual e o raciocínio. (MALCOLM, 1993, p.92)

O objetivo deste artigo é apresentar essa estratégia interpretativa de Malcolm. Primeiramente faremos alguns esclarecimentos gerais sobre seu método analógico e, depois disso, uma análise das quatro analogias, que segundo ele, tornariam justificada a aproximação da filosofia de Wittgenstein com determinadas características pertencentes à religião. Esse objetivo primariamente descritivo se justifica pela importância da posição de Malcolm nos debates relacionados à frase-W. Além disso, pretendo em um outro texto tecer algumas críticas à estratégia analógica e apresentar uma interpretação alternativa, porém, antes deste momento crítico, é necessário compreendermos de forma mais clara qual a posição do célebre wittgensteiniano.

## 2. a estratégia interpretativa de malcolm

A estratégia de Malcolm pode ser dividida em três momentos, dos quais apenas o terceiro nos interessa, por conter o núcleo da argumentação. Os dois primeiros valem alguma menção. Primeiramente, Malcolm assume que a palavra “problema”, contida neste trecho da frase-W “não consigo deixar de ver todo *problema* a partir de um ponto de vista religioso”, diz respeito a *problemas filosóficos*. Ou seja, Wittgenstein não estaria se referindo, ao menos não somente, a, por exemplo: “pobreza, doenças,

desemprego, crimes, brutalidades, preconceito racial, guerra. Estes problemas oprimem e chocam a humanidade. Certamente eles perturbavam Wittgenstein. Mas ele não estava se referindo a eles” (MALCOLM, 1993, p.01). Consideramos o posicionamento de Malcolm plausível, pelo fato de que a frase-W foi pronunciada por Wittgenstein em um contexto onde ele discutia com Drury suas visões filosóficas. Além disso, sob nosso ponto de vista, mesmo que não existissem boas razões para assumir que Wittgenstein certamente se referia a problemas filosóficos, ainda assim seria plausível assumir hipoteticamente que ele o fazia, com o intuito de verificar a existência ou não de algum tipo de relação conceitual entre sua filosofia e a religião.

Em um segundo momento, Malcolm discute a primeira parte da frase-W, a saber “eu não sou um homem religioso”. De acordo com ele, a vida de Wittgenstein “foi de excepcional esforço por pureza moral e espiritual, de tal forma que eu tenho dúvidas se a avaliação que ele faz de si mesmo é verdadeira. Ou talvez, melhor dizendo, eu não estou certo sobre como compreendê-la” (MALCOLM, 1993, p.07). Este momento da discussão visa mostrar que é relevante uma tentativa de esclarecimento da frase-W, dadas as profundas e persistentes preocupações religiosas de Wittgenstein. Malcolm discorre sobre vários pensamentos, ações e emoções do filósofo, que teriam sentido religioso. Não é meu objetivo aprofundar temas biográficos, mas como amostra da discussão de Malcolm neste segundo passo de sua estratégia argumentativa algumas citações serão convenientes. Iniciemos com Brian Clack:

Em Wittgenstein nós encontramos um homem que desejou tornar-se um monge; um homem que desprezou o dinheiro e do qual o estilo de vida ascético e recluso levou alguns a vê-lo como uma espécie de *santo moderno*; um homem que inspirou devoção cega em alguns ‘discípulos’; um homem que escreveu que um de seus livros ‘foi escrito para a glória de Deus’. (CLACK, 1999, p.01)

Também podemos considerar esta citação do próprio Malcolm:

O sentimento de estar “absolutamente seguro”, que foi vivenciado pela primeira vez aos 21 anos, exerceu influência sobre ele através da maior parte de sua vida. O desejo de tornar-se “um ser humano decente” foi vividamente expresso em suas orações e em seu trabalho voluntário em um posto perigoso durante a Primeira Guerra Mundial. O ato de renunciar a sua riqueza herdada tem, provavelmente, ao menos em parte, um motivo religioso. No final da guerra, a sua primeira preferência por uma vocação foi tornar-se monge. Suas discussões com Drury continham muitas reflexões sobre matérias religiosas. Suas “confissões” pertenciam à esperança de uma “nova vida”. Ele esperava e temia um Juízo Final. Ele leu e releu os Evangelhos e conhecia-os bem. Seu desejo era que seu trabalho filosófico fosse “a vontade de Deus”. Ele pensava que poderia ter valor somente se recebesse “uma luz do alto”. Sua concepção do sentido do cristianismo, salientando a “miséria” e “angústia” humana, e a necessidade de “converter-se” e “abrir o coração” tem certamente

expressado uma consciência do seu próprio estado e necessidade. (MALCOLM, 1993, p.21)

A soma destes dados biográficos com o grande número de reflexões sobre temas religiosos dispersas pela obra de Wittgenstein justifica a relevância de uma discussão mais atenta da frase-W.

No terceiro momento está contido o núcleo da proposta exegetica de Malcolm. Segundo ele, não existe *estritamente* um ponto de vista religioso em Wittgenstein, mas sim algo *análogo* a um ponto de vista religioso. Mais especificamente, como dito, de acordo com Malcolm, “existem quatro analogias entre a concepção de Wittgenstein da gramática da linguagem e sua visão do que é importante em uma vida religiosa” (MALCOLM, 1993, p.92).

Para desfazermos uma ambiguidade na argumentação de Malcolm será produtor discutirmos um pouco, mesmo que sem muitas tecnicidades, a estrutura de uma analogia. Grosso modo, uma analogia é uma comparação entre dois objetos, ou domínio de objetos, que destaca aspectos em que eles seriam similares. De forma um pouco mais precisa, um argumento analógico infere que um objeto ou domínio de objetos B, possui a propriedade P, baseando-se em uma analogia que se verifica existir entre B e um dado objeto ou domínio de objetos A que sabemos possuir a propriedade P (cf. BRANQUINHO *et al*, 2006, p.59). Podemos exemplificar da seguinte maneira:

1. A é similar a B nos aspectos a1, a2, a3 e a4
2. A possui a propriedade P
3. Logo, B (provavelmente)<sup>3</sup> possui a propriedade P

Se traduzirmos a proposta de Malcolm nesta estrutura teríamos o seguinte:

4. X é similar à *filosofia de Wittgenstein* nos aspectos a1, a2, a3 e a4
5. X possui (ou é) um *ponto de vista religioso*
6. Logo, a *filosofia de Wittgenstein* (provavelmente) possui (ou é) um *ponto de vista religioso*.

É possível esta interpretação forte, mas ela não parece fiel à proposta de Malcolm. Além do trecho supracitado, a citação abaixo reitera uma estratégia exegetica mais fraca:

---

3 “A hipotética validade ou invalidade de tal argumento não pode ser estabelecida *a priori*. Com efeito, a validade de um argumento desse gênero depende essencialmente da relevância que a analogia que se detecta existir entre A e B possa ter para a compreensão da satisfação de propriedades como X por objetos do gênero de A e de B. Porém, seja qual for essa relevância, um argumento por analogia é sempre um argumento indutivo e nunca dedutivo, isto é, trata-se de um argumento que da verdade das premissas infere a conclusão como provavelmente verdadeira, e não de um argumento no qual a verdade da conclusão se segue necessariamente da verdade das premissas” (BRANQUINHO *et al*, 2006, p.59).

Wittgenstein teve muitos pensamentos religiosos, mas pensamentos religiosos não figuram em seus detalhados tratamentos dos problemas filosóficos. Parece, portanto, que quando ele fala de ver os problemas *de um ponto de vista religioso*, ele não quis dizer que ele os concebia como problemas religiosos, mas que existia uma similaridade, ou similaridades, entre sua concepção de filosofia e alguma coisa característica do pensamento religioso. (MALCOLM, 1993, p.24)

Dessa forma, algo mais fiel ao texto de Malcolm seria o que segue:

7. X é um *ponto de vista religioso* e possui as características a1, a2, a3 e a4

8. A *filosofia de Wittgenstein* possui as características a1, a2, a3 e a4

9. Logo, existem similaridades entre um *ponto de vista religioso* e a *filosofia de Wittgenstein*.

Esta interpretação mais fraca é a estratégia exegética utilizada por Malcolm na sua tentativa de compreender a frase-W. De tal modo, é como se ao pronunciar a frase Wittgenstein quisesse dizer: *Eu não sou um homem religioso, mas sei que existem analogias entre meu pensamento filosófico e um ponto de vista religioso*.

Uma pergunta central que poderíamos direcionar a Malcolm neste momento seria: *qual ponto de vista religioso deve ser considerado?* Malcolm não responde essa questão claramente. Diz apenas que existem quatro analogias entre, por um lado, a filosofia de Wittgenstein e, por outro, “a sua visão do que é importante em uma vida religiosa” (MALCOLM, 1993, p.92). Tenhamos isto em mente na discussão que faremos a partir de agora. Devemos perceber, no entanto, que essa aparente vagueza não é de todo um empecilho, pois os exemplos utilizados por Malcolm são bem conhecidos na cultura religiosa ocidental. Passemos à discussão das quatro analogias.

### 3. As Quatro Analogias

As quatro analogias podem ser sumarizadas da seguinte forma:

1. Tanto na filosofia de Wittgenstein quanto em uma perspectiva religiosa existiria um limite para as explicações ou certa atitude que deve ser tomada frente às explicações. Em ambas é preciso reconhecer um fim na busca de razões, seja na existência dos jogos de linguagem e formas de vida associadas a eles, seja em dadas práticas religiosas.

2. Ambas podem produzir uma inclinação para que algum sujeito sinta-se “maravilhado”, “profundamente admirado” com a existência de alguma coisa. Mais especificamente, há uma analogia entre um possível sentimento de “espanto”, “admiração”, em relação à existência inexplicável dos jogos de linguagem humanos e a experiência religiosa de *ver o mundo como um milagre*, tal qual descrita por Wittgenstein na *Conferência Sobre Ética*.

3. Há uma analogia entre a ideia religiosa de que o ser humano é “imperfeito”

ou “impuro” e que isto o coloca em uma situação existencial de tormento e/ou tendência ao erro moral/religioso e a ideia de que confusões filosóficas são sintomas de uma espécie de *doença do pensamento*. Assim, tanto na religião quanto na filosofia, existiria a ideia de que há algo radicalmente errado com os seres humanos. Confusões filosóficas como *doenças do pensamento*, seriam análogas a “pecados” e “tormentos” como *doenças do espírito*.

4. Ações e reações humanas seriam o fundamento dos conceitos assim como os atos de amor seriam o fundamento das crenças religiosas. Dessa forma, existiria uma analogia entre a ideia de que a religião não é uma doutrina, mas sim uma “alteração da própria vida” e a insistência pós *Tractatus* de que nossos conceitos requerem uma base na ação humana e não no raciocínio ou intelecto. Em ambas, fazer e agir deve ter prioridade sobre a compreensão intelectual.

Abaixo discuto cada uma dessas analogias separadamente e de forma detalhada.

### 3.1. Primeira analogia: Limite Explicativo

Como dito, a primeira analogia está relacionada ao conceito de “explicação”. De forma mais específica, com um limite explicativo que deve ser reconhecido tanto pelo filósofo quanto pela pessoa religiosa. Buscar explicações além desse limite distorce a natureza daquilo que está sendo explicado, levando-nos a compreensões equivocadas e sentenças desprovidas de sentido. Malcolm pensa que tanto na religião quanto na filosofia de Wittgenstein é enfatizada a necessidade de simplesmente aceitar algumas coisas como dadas, encerrando em algum ponto a demanda por explicações.

O que deve ser aceito e qual seria esse fim da explicação no lado religioso da analogia? Malcolm afirma que uma maneira de esclarecermos esta questão é percebermos que, dado um contexto religioso e diante de situações catastróficas e/ou dolorosas, é comum a utilização da sentença “isto é a vontade de Deus” (ou similares), como busca de consolo, esperança, etc. Pensemos, como exemplo, na terrível morte de um ente querido. É óbvio que diante de tal situação nem todos se sentiriam consolados ao ouvir “Deus sabe o melhor” ou “tudo concorre para o bem dos que amam a Deus” ou ainda que “devemos aceitar a vontade de Deus”. Alguns achariam isso ilusório, outros até mesmo ofensivo. Mas, “pessoas com forte inclinação religiosa” (MALCOLM, 1993, p.02), poderiam aceitar essas sentenças e aos poucos aquietar a revolta e a dor encontrando forças para continuar vivendo.

Com o intuito de reforçar sua posição e mostrar que mesmo um homem devoto pode cair em desespero e revoltar-se, Malcolm cita um famoso drama bíblico, a saber, o livro de Jó. Desconsiderando no momento os vários pontos

interessantes do livro, o que nos interessa pode ser captado por um breve resumo<sup>4</sup>. Como é sabido, o livro conta a história de Jó, um homem “íntegro e reto, que temia a Deus e se afastava do mal” (BÍBLIA, Jó: 1,1). Jó era um homem rico e honrado, mas um dia, desafortunadamente, um desastre o atinge: suas plantações e rebanhos são destruídos, seus numerosos filhos são mortos e, por fim, Jó é coberto por “chagas malignas, desde a planta dos pés até o cume da cabeça” (BÍBLIA, Jó: 2, 7b). A partir deste ponto o livro segue com um grande (e interessante) diálogo entre Jó e três amigos que vieram confortá-lo. Os amigos insistentemente tentam persuadi-lo de que esses males são efeitos de grandes pecados que ele deve ter cometido, pois Deus não agiria desta forma sem ter alguma razão para tal. Jó, por sua vez, continua declarando sua inocência diante de Deus e pedindo-lhe explicações: “Não me condene, explica-me o que tens contra mim [...] sabes que não sou culpado” (BÍBLIA, Jó: 10, 2.7). Quase no final do livro, Deus surge e intervém no diálogo, dirigindo-se a Jó: “quem obscurece meus desígnios com palavras sem sentido?”. E, depois de descrever a Jó todas as obras criadas por Ele desde o início do universo, diz: “atreveste a anular meus julgamentos?” (BÍBLIA, Jó: 38, 2 – 48, 8). Jó fica abalado. Confessa que “falou coisas que não entendia e maravilhas que o ultrapassam” (BÍBLIA, Jó: 42, 3b). Quanto aos amigos de Jó, Deus volta-se irado contra eles dizendo: “você não falaram corretamente de mim, como fez meu servo Jó” (BÍBLIA, Jó: 42, 8c).

Como Malcolm interpreta este texto bíblico? Segundo ele, é ilustrativo percebermos que a reprovação de Deus aos amigos de Jó é devido ao fato de que eles, de forma insistente, dizem que Deus *deve* ter razões compreensíveis aos seres humanos para agir como age. A reprovação a Jó é mais branda, e é ocasionada pelo desejo de Jó em argumentar pelo seu caso, em debater com Deus, recebendo as respostas para tudo o que lhe havia ocorrido. Dessa forma, o significado deste antigo drama bíblico, como Malcolm o compreende é:

[...] que ele nos mostra algo do sentido do *conceito* de Deus – ou melhor, de *um* conceito de Deus -. Ele mostra que a noção de existir uma razão para seus atos não tem aplicação para Deus; nem a noção de existirem justificações ou explicações para as ações de Deus. Deus não tem nenhuma necessidade de justificar ou explicar seus caminhos para a humanidade. (MALCOLM, 1993, p.03)

Não é nosso ponto discutir a acurácia da análise teológica de Malcolm. Por ora, pretendemos apenas elucidar as analogias que tornariam a frase-W compreensível. Assim, *se Malcolm estiver correto*, algumas coisas não são passíveis de explicação e devem ser simplesmente aceitas no contexto religioso. Tal situação, segundo ele, fica evidente quando analisamos circunstâncias nas quais a “vontade de Deus” pode ser invocada. A insistência em questionar as “razões” que Deus teria para agir desta

4 Certamente muito aquém da mensagem teológica do livro. Porém, ele serve aos nossos propósitos.



ou daquela forma pode, neste contexto, soar sem sentido, presunçosa ou mesmo ímpia. Malcolm chama a atenção para o fato de que, no fim das contas, quando em um contexto religioso se invoca a “vontade de Deus”, não se está querendo *oferecer uma explicação*. A sentença “é a vontade de Deus” (ou outras parecidas), quando dita religiosamente e seriamente, tem força lógica similar à sentença “é assim que as coisas são”, dita em contextos seculares nos quais não se encontram mais respostas para a explicação de um evento. Ambas nos pedem para deixar de perguntar “por quê?” e nos incitam a aceitar os fatos. E é nesta aceitação de certos fatos como primitivos, não mais passíveis de explicação, que repousa a primeira analogia de Malcolm entre a religião e o pensamento de Wittgenstein.

Malcolm sustenta que existe uma clara similaridade entre este tema religioso e a concepção wittgensteiniana dos *jogos de linguagem*. Isso precisaria de mais esclarecimento, mas, para nossos propósitos podemos entender “jogo de linguagem” como a “totalidade formada pela linguagem e pelas atividades com as quais ela vem entrelaçada” (WITTGENSTEIN, IF, 7). Ou seja, em uma interpretação um pouco grosseira, o jogo de linguagem seria o conjunto da linguagem com as ações que são, digamos, causas e efeitos do uso da linguagem em determinados contextos. No decorrer da exposição isso ficará mais claro. De forma ampla e como já dito, a ideia é que, na filosofia, as explicações, justificações, razões, devem terminar nos jogos de linguagem e seus internamente relacionados padrões comportamentais humanos. O jogo de linguagem deve ser aceito como um fato primitivo, em certo sentido, inexplicável. Intercalando algumas citações das *Investigações Filosóficas* Malcolm enfatiza a analogia:

[Devemos] parar de tentar satisfazer este desejo por explicação. “A questão não é explicar um jogo de linguagem, [...] mas constatar um jogo de linguagem” (IF, 655). “Olhe para o jogo de linguagem como algo primário” (IF, 656). Você faz um estudo de um particular jogo de linguagem. Então você pode dizer para alguém: “olhe para ele! Tome-o como é! Não pergunte por que, mas aceite-o como um fato sem explicação!”. Nós precisamos “aceitar o jogo de linguagem cotidiano” (IF, p.200). (MALCOLM, 1993, p.86)

Além destas passagens citadas por Malcolm, poderíamos recorrer a outras citações que tornariam o ponto ainda mais explícito. Veja: “Nosso erro está em buscarmos uma explicação lá onde deveríamos ver os fatos como ‘fenômenos originários’. Isto é, onde deveríamos dizer: joga-se este jogo de linguagem” (WITTGENSTEIN, IF, 654). Ou ainda: “Você deve atentar-se que o jogo de linguagem é, por assim dizer, imprevisível. Quero dizer: não se baseia em fundamentos. Não é racional (ou irracional). Está aí – tal como a nossa vida” (WITTGENSTEIN, DC, 559).

Ao comentar o parágrafo 126 das *Investigações*, no qual lemos: “a filosofia simplesmente coloca as coisas diante de nós, não explica e não deduz nada”, Malcolm nos adverte de que Wittgenstein estaria propondo uma alteração radical em nossa concepção daquilo que a filosofia deve fazer. A tarefa da filosofia não é explicar ou teorizar, mas sim *descrever*. Descrever o que? Descrever conceitos. E como fazemos isso? Descrevendo as regras de uso da palavra ou palavras que expressam o conceito. Segundo Malcolm, Wittgenstein chama esta atividade de *descrição de um jogo de linguagem* (Cf. MALCOLM, 1993, p.73-74; BAKER, 2005, p.63-64; GLOCK, 1997, p.228). Tais descrições seriam úteis para, no mínimo, duas coisas. Poderiam nos mostrar, primeiramente, que na grande maioria das vezes os problemas filosóficos surgem devido ao fato de que os filósofos utilizam mal a linguagem, aplicando inconscientemente regras de um jogo de linguagem em outro, o que gera falsos problemas e confusões. Por outro lado, a descrição de conceitos também seria útil para melhor compreendermos a natureza dos jogos de linguagem e padrões comportamentais a eles conectados. Malcolm continua:

Wittgenstein considerava os jogos de linguagem e suas formas de vida associadas como algo além da explicação. A inescapável lógica desta concepção é que os termos “explicação”, “razão”, “justificação” tem um uso exclusivamente interno aos vários jogos de linguagem. A palavra “explicação” aparece em muitos jogos de linguagem diferentes e é usada diferentemente em diferentes jogos. [...] Explicações internas aos jogos de linguagem são possíveis, mas não existe uma explicação que se eleve acima de todos eles e explique-os. Isso seria um super-conceito de explicação, o que significa que se trata de uma fantasia mal concebida. (MALCOLM, 1993, p.77-78)

Malcolm utiliza vários exemplos para ilustrar o seu ponto, mas apenas um nos bastará. Consideremos o jogo de linguagem de *fazer promessas*. Se uma pessoa promete fazer algo, além de outras coisas, expectativas são geradas de que esta promessa será cumprida. Se isto não ocorre, as pessoas envolvidas estão justificadas em pedir explicações sobre o não cumprimento da promessa. Internamente ao jogo há espaço para explicações: por que a promessa foi feita, por que não foi cumprida, etc. Mas, e se perguntarmos qual a explicação para a existência de tal prática? Como poderíamos explicar a existência deste padrão comportamental que denominamos “prometer”? Segundo Malcolm, a filosofia, como Wittgenstein a entendia, pode observar e descrever de forma perspicua estas e outras complicadas práticas linguísticas, mas não pode explicar por que as práticas existem. Onde as explicações terminam existe ação consensual conectada com nosso emprego atual das palavras. Nossos jogos de linguagem são aquilo que o filósofo deve aceitar. Neles nossas explicações terminam.

Antes de passarmos ao próximo tópico é interessante desfazermos uma

possível ambiguidade em Malcolm. Em um momento da exposição desta primeira analogia ele diz que “uma prática religiosa é em si mesma um jogo de linguagem [...] a existência de práticas religiosas não pode ser explicada, da mesma forma que não podemos explicar a existência de esportes ou composição musical” (MALCOLM, 1993, p.85). Isso abre a possibilidade de interpretarmos a primeira analogia de forma equivocada, como se a similaridade entre a filosofia de Wittgenstein e a religião fosse a não explicabilidade do jogo de linguagem religioso e a não explicabilidade dos outros jogos de linguagem. Apesar do trecho citado possibilitar esta interpretação, a apresentação que fizemos desta primeira analogia deve deixar claro que a forma correta de a entendermos é a ênfase na aceitação de certos fatos como primitivos, não mais passíveis de explicação, que existiriam tanto na religião quanto na filosofia como Wittgenstein a entendia. Além disso, a ideia de que a religiosidade é um fenômeno básico, não explicável, é um ponto em si mesmo filosófico e que deve ser discutido a parte. Passo agora a apresentação da segunda analogia.

### 3.2. Segunda analogia: **Espanto**

Na *Conferência Sobre Ética*, em um contexto no qual está esclarecendo o conceito de “valor absoluto”, Wittgenstein diz que algumas vezes sente-se profundamente admirado, com alguma espécie de sentimento de assombro, diante da existência do mundo. Nestas ocasiões, inclina-se a usar frases do tipo “que extraordinário que as coisas existam” ou “que extraordinário que o mundo exista”. Segundo ele, é possível descrever esta experiência de assombro diante da existência do mundo dizendo: “é a experiência de ver o mundo como um milagre” (WITTGENSTEIN, CSE, p.221).

O valor místico/religioso de tal experiência é reconhecido por Wittgenstein no momento em que ele relaciona esta experiência com aquilo que, em um contexto religioso, é referido pela sentença “Deus criou o mundo” (WITTGENSTEIN, CSE, p.222). Não devemos supor que Wittgenstein esteja apenas advogando uma tese não-cognitivista, segundo a qual (grosso modo) as sentenças religiosas poderiam ser reduzidas a meras experiências ou estados mentais dos sujeitos. O que deve ser enfatizado é que o filósofo não considera as sentenças religiosas, pura e simplesmente, como tentativas de descrição da realidade. Explicar isso de forma pormenorizada desvia o foco do presente artigo<sup>5</sup>. Por ora, basta-nos perceber que, em um contexto religioso, é possível a ocorrência deste tipo de experiência descrita por Wittgenstein. Como ilustração, podemos citar este (belo) trecho das Confissões de Agostinho:

Quem é Deus? Perguntei-o a terra e disse-me: “Eu não sou”, e tudo o que nela existe respondeu-me o mesmo. Interroguei o mar, os abismos e os répteis animados e vivos e responderam-me: “Não somos o teu Deus; busca-o acima de nós”. Perguntei aos

5 Discuti esse tema em outros textos: (MANDELI, 2015) e (MANDELI, 2020).

ventos que sopram; e o ar, com os seus habitantes, respondeu-me: “Anaxímenes está enganado; eu não sou o teu Deus”. Interroguei o Céu, o Sol, a Lua, as Estrelas e disseram-me: “Nós também não somos o Deus que procuras”. Disse a todos os seres que me rodeiam as portas da carne: “Já que não sois o meu Deus, falai-me do meu Deus, dizei-me ao menos alguma coisa d’Ele”. E exclamaram com alarido: “Foi Ele quem nos criou”. A minha pergunta consistia em contemplá-las; a sua resposta era a sua beleza. (AGOSTINHO, *Confissões*, X, 6, 8-9)

Após apresentar essa experiência de Wittgenstein, Malcolm (cf. 1993, p.86), ao que parece buscando justificar a ocorrência deste tipo de sentimento de assombro, diz que as teorias sobre a origem do universo geradas pelas especulações científicas e cosmológicas não buscam explicar *por que* existe o mundo, mas sim explicar qual o “primeiro estado” do universo e como todas as outras coisas teriam se desenvolvido a partir deste. Embora nenhuma experiência nos seja necessariamente imposta dada essa falta de explicação, Wittgenstein era claramente atingido e interpretava o sentimento religiosamente (cf. DEANGELIS, 2007, p.133). O importante neste contexto não é *como* o mundo está configurado, mas sim a sua existência (WITTGENSTEIN, TLP, 6.44). Esta experiência religiosa de “ver o mundo como um milagre” teria um análogo no contexto da filosofia de Wittgenstein, instanciado em um tipo de espanto frente à inexplicável existência dos jogos de linguagem humanos. De tal modo, esta segunda analogia liga-se com a primeira no que diz respeito ao fim da explicação. Veja esta citação de Malcolm:

Wittgenstein algumas vezes expressou uma espécie de espanto frente à existência dos vários jogos de linguagem e suas contidas formas de ação e reação humana. “*Deixe-se impressionar pela existência de tal coisa como o nosso jogo de linguagem de confessar o motivo de uma ação*” (IF, p.597). [...] Novos jogos de linguagem não são baseados em fundamentos ou razões, e, portanto, não podem ser previstos. Não podemos dizer, por exemplo, que nosso uso da palavra “esperar” veio à existência a fim de expressar nosso sentimento de esperança, como se a esperança pudesse ser totalmente formada na ausência da linguagem. “É só capaz de ter esperança quem é capaz de falar? Somente aqueles que têm dominado o uso de uma língua. Isto é, o fenômeno da esperança são modos desta complicada forma de vida” (IF, p.503). (MALCOLM, 1993, p.87)

Obviamente Wittgenstein não considerava os jogos de linguagem sagrados ou miraculosos. Mas, com o foco no sentimento de maravilha e mistério que eles podem gerar, Malcolm julgava plausível traçar a analogia com a experiência religiosa de “ver o mundo como um milagre”.

### 3.3. Terceira analogia: **Enfermidade**

Em *Cultura e Valor* lemos as seguintes reflexões de Wittgenstein:

As pessoas são religiosas ao ponto de acreditarem que nem sequer são imperfeitas, *mas doentes*. Qualquer homem de uma decência mediana considera-se extremamente imperfeito, mas um homem religioso considera-se um desgraçado. [...] Um homem é, pois, capaz de um tormento infinito e, por isso, pode também necessitar de um auxílio infinito. A religião cristã é apenas para quem necessita de um auxílio infinito, isto é, exclusivamente para quem sente um tormento infinito. (WITTGENSTEIN, CV, p.72)

Para Malcolm, essa condição existencial da pessoa religiosa, tal qual descrita por Wittgenstein nesta e em outras passagens do mesmo teor, seria a base da terceira analogia. Segundo ele (cf. 1993, p.87), a prática, os sentimentos e o pensamento religioso são expressões de uma convicção de que algo está extremamente errado com o ser humano, como se este contivesse uma espécie de *doença espiritual* que o afeta mesmo quando julga estar saudável. Uma atitude similar estaria de alguma forma presente também na forma como Wittgenstein compreendia a filosofia, de forma mais clara (mas não só) no período posterior ao *Tractatus*. Isto possibilita uma analogia entre a ideia de que os pseudoproblemas e as confusões filosóficas em que muitas vezes nos enredamos seriam sintomas de uma espécie de doença do pensamento, com a ideia religiosa da imperfeição ou impureza dos seres humanos, colocando-os em uma condição existencial que atrairia tormentos e tendências ao erro moral/religioso.

A ideia é que tanto a religião quanto a filosofia mostrariam, cada uma ao seu modo, a existência de alguma espécie de imperfeição intrínseca que levaria, ou ao menos motivaria, o ser humano ao erro. Por um lado, tais erros estariam relacionados com a maneira com que nos comportamos, vivemos e sentimos. A citação de *Cultura e Valor* que abriu este tópico parece compatível com o seguinte trecho de uma das cartas de Paulo:

Não entendo o que realizo, pois não executo o que quero, mas faço o que detesto [...]. E, se faço o que não quero, consinto com a lei, que é boa. De maneira que agora já não sou eu que faço isto, mas o mal que habita em mim. Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum; e com efeito, o querer está em mim, mas não consigo realizar o bem [...]. Em meu interior, tenho prazer na lei de Deus; mas vejo nos meus membros outra lei, que batalha contra a lei da razão, e me prende debaixo da lei do pecado que está nos meus membros. Miserável homem que eu sou! Quem me libertará dessa condição mortal? (BÍBLIA, Romanos: 7, 14-24)

Assim, tomar consciência da trágica situação de estar essencialmente enfermo, poderia nos levar à busca de alguma espécie de cura ou conforto na religião. Em comparação com isto, por outro lado, Malcolm (cf. 1993, p.88) enfatiza um tema recorrente da filosofia de Wittgenstein. Refiro-me ao bem conhecido aspecto “terapêutico” das técnicas filosóficas das *Investigações* e de outros escritos.

É interessante notar que muitas vezes Wittgenstein utiliza o termo “doença” ou “enfermidade” nestes contextos. Veja: “O filósofo é quem tem de curar em si mesmo muitas doenças do intelecto, antes de poder aceder às noções do senso comum” (WITTGENSTEIN, CV, p.70) ou ainda: “O filósofo *trata* uma questão; como uma doença” (WITTGENSTEIN, IF, 225). Sem entrar no mérito da correção ou incorreção da interpretação terapêutica das ideias de Wittgenstein (pois o ponto neste momento é o esclarecimento das analogias), podemos dizer que as ferramentas oferecidas por Wittgenstein seriam capazes de revelar os erros em que muitas vezes nos embarçamos ao filosofar e quais seriam as suas causas. Vamos esclarecer um pouco mais este ponto.

Uma das tendências patológicas inerentes à prática filosófica e que deve ser tratada terapêuticamente seria a busca desenfreada por explicações. Wittgenstein é enfático: “nossa *doença* é esta: querer explicar!” (WITTGENSTEIN, RFM, p.333). Como isto já foi discutido ao tratarmos da primeira analogia, basta-nos lembrar que, segundo Wittgenstein, os jogos de linguagem e as formas de vida das quais eles fazem parte devem ser aceitos como fatos primitivos, em certo sentido básicos e não mais explicáveis: “o nosso erro consiste em procurar uma explicação onde devemos ver os fatos como o fenômeno primordial” (WITTGENSTEIN, IF, 654). A terapia nos faria perceber que as explicações devem cessar em algum ponto e que o desejo insistente por explicação, que nos toma frente aos questionamentos filosóficos, não estaria em todas as circunstâncias justificado.

Outro fenômeno que revelaria as tendências patológicas do intelecto mostraria-se quando interpretamos o significado de uma palavra sempre da mesma maneira, independente dos contextos nos quais é pronunciada. Isto, por sua vez, mostra que muitos problemas filosóficos não seriam problemas genuínos, pois surgiriam no momento em que os filósofos, utilizando mal a linguagem, aplicariam inconscientemente regras de um jogo de linguagem em outro jogo de linguagem. A terapia filosófica deve mostrar que tal tendência será superada através da descrição de uma variedade de processos diferentes ocorrendo em cada contexto: “Uma causa principal da doença na filosofia é uma dieta unilateral: uma pessoa alimenta o seu pensamento com apenas um gênero de exemplos” (WITTGENSTEIN, IF, 593). O filósofo precisa lutar contra todas estas tendências que (supostamente?) nos levam a confusões e pseudoproblemas. Estes exemplos são suficientes para elucidação da terceira analogia, que segundo Malcolm não deve ser exagerada:

A analogia entre as doenças do espírito, que é de preocupação religiosa, e as enfermidades intelectuais, que a filosofia gostaria de curar, não deve ser exagerada. A analogia somente significa que em ambos os casos há algo errado conosco: por um lado, na forma que vivemos, sentimos e nos relacionamos com

os outros, e, por outro lado, na forma que pensamos quando encontramos uma questão filosófica. (MALCOLM, 1993, p.88)

### 3.4. Quarta analogia: “*No princípio era a ação*”

A quarta e última analogia realça o papel da ação tanto na filosofia quanto no pensamento religioso de Wittgenstein. Segundo Malcolm (cf. 1993, p.92), é clara a similaridade entre a posição de Wittgenstein de que, por um lado, o mais importante na religião são as boas obras e a mudança de vida ao invés de meras crenças em proposições teológicas, e por outro, a visão filosófica de que nossos conceitos baseiam-se em ações e reações humanas e não em raciocínios e intuições.

Do lado religioso, como é sabido, era repudiada por Wittgenstein a demanda teológico-filosófica de elaborar argumentos com o intuito de ‘provar’ a existência de Deus ou a consideração de que o cristianismo seria uma espécie de teoria. Muito mais importante do que a aceitação de doutrinas ou credos é a alteração da forma de viver e as ações da vida religiosa. É fácil encontrar nos textos de Wittgenstein frases que corroboram estes pontos: “Creio que uma das coisas que o Cristianismo afirma é que as boas doutrinas são todas inúteis. Importa, sim, mudar a vida, ou a direção da tua vida” (WITTGENSTEIN, CV, p.82), ou “Estava Agostinho errado quando invocava a Deus em cada página das *Confissões*? [...] ou outro qualquer, cuja religião expressa concepções completamente diferentes? Nenhum deles estava errado. Exceto quando afirmavam uma teoria” (WITTGENSTEIN, ORF, p.193), ou ainda, estes trechos de conversas com Drury:

Eu ficaria amedrontado se você tentasse dar algum tipo de justificação filosófica para as crenças cristãs, como se algum tipo de prova fosse necessária [...]. Lembre-se que o cristianismo não é uma questão de dizer várias orações; [...]. Se você e eu estamos a viver vidas religiosas isso não significa que falamos muito de religião, mas sim que nossa maneira de viver é diferente. E eu tenho convicção de que somente se você tentar ser útil para as outras pessoas é que você, no final, encontrará seu caminho para Deus. (DRURY, 1984, p.123.129)

Nesta mesma linha, Malcolm acredita que ao proceder desta maneira Wittgenstein teria respaldo de grande parte da tradição judaico-cristã e que certamente concordaria com o versículo bíblico “a fé sem obras é morta” (BÍBLIA, Tiago: 2, 17). Em resumo, no que diz respeito à religião, Wittgenstein destaca a importância de certos tipos de ações e rejeita o valor das formulações doutrinárias quando compreendidas meramente como teorias teológicas.

Dado o que foi dito, a analogia com o pensamento filosófico de Wittgenstein é traçada ao se levar em conta uma tendência corrente e crescente nos escritos

posteriores ao *Tractatus*. Esta tendência é bem representada na insistência de Wittgenstein em afirmar que as bases de nossos conceitos, de nossas razões, justificações e evidências estão fundamentadas em nosso agir, em ações e reações pré-linguísticas e pré-rationais, e não em raciocínios, interpretações ou intuições. Podemos recorrer, como exemplo, ao parágrafo 204 de *Da Certeza*:

Mas a fundamentação, a justificação da evidência chega a um fim; - e o fim não é que proposições se nos apresentem como verdadeiras, portanto não se trata de um modo de ver de nossa parte; é o nosso atuar que resta como fundamento do jogo de linguagem. (WITTGENSTEIN, DC, 204)

Segundo Malcolm (cf. 1993, p.91), uma das possíveis maneiras de compreender isto melhor seria analisar a forma pela qual Wittgenstein lidou com um clássico problema filosófico, a saber, o problema da existência de outras mentes. Sem aprofundar o debate, pois nosso intuito neste momento é somente a elucidação das quatro analogias, podemos brevemente dizer algumas palavras sobre como Malcolm compreende a solução wittgensteiniana deste problema. Pois bem, *prima facie*, parece necessária grande sofisticação argumentativa para justificar a crença na existência de outras mentes, dado que, supostamente, teríamos evidência irrefutável somente relacionada à nossa própria atividade mental. Mas, se mudarmos o foco, perceberemos que um ser humano normal *nunca* terá dúvidas no que diz respeito aos outros seres que se assemelham com ele serem autômatos ou não. Rejeitando o argumento da analogia, Wittgenstein expõe: “você diz que cuida de alguém que se queixa [de dor], pois a experiência lhe tem ensinado que você mesmo se queixa quando sente tais e tais coisas. Mas, como de fato não existe esta inferência, nós podemos abandonar o argumento da analogia” (WITTGENSTEIN, Z, 537)<sup>6</sup>.

Neste trecho, o filósofo chama a atenção para a forma como cotidianamente agimos diante de outros seres humanos, mostrando que em casos normais, não existe a intermediação de uma inferência. O argumento da analogia, por sua vez, nos leva à falsa imagem de que, por exemplo, antes de socorrer alguém que gritou de dor, nós fazemos o seguinte raciocínio:

P1: Esta pessoa está gritando e se contorcendo.

P2: Quando eu grito e me contorço desta maneira eu estou sentindo dor e preciso de socorro.

Logo: Esta pessoa está sentindo dor e precisa de socorro.

6 *Prima facie*, essa rejeição de Wittgenstein ao argumento da analogia pode parecer problemática à estratégia interpretativa analógica da frase-W proposta por Malcolm. Isso não é o caso, pois Wittgenstein não está rejeitando argumentos analógicos em geral, mas apenas este caso específico relacionado à existência de outras mentes. Os problemas com a estratégia de Malcolm serão, como dito, discutidos em outro estudo.



Ao sentir dor, não significa que prestei atenção nos meus gemidos e comportamentos para inferi-la deles. A dor é logicamente anterior a qualquer intermediário racional. Da mesma forma, quando alguém geme e se contorce, não faço observações com o intuito de traçar uma analogia ou algum tipo de argumento indutivo, mas sou levado instintivamente a concluir, através de alguma reação, que esta pessoa está com dor (cf. WITTGENSTEIN, Z, 540). Assim, a questão de saber se as pessoas à minha volta são autômatos ou seres humanos genuínos é forçada e antinatural<sup>7</sup>. Eu não convenço a mim mesmo de que estas outras pessoas possuem mentes, ou almas, mas, como diz Wittgenstein: “Minha atitude para com ele é uma atitude para com a alma. Eu não sou da opinião de que ele tenha uma alma” (WITTGENSTEIN, IF, p.178). Nós agimos e reagimos instintivamente, por exemplo, às expressões faciais uns dos outros sem a mediação de raciocínios. “Eu não *infiro* que alguém está com raiva a partir de seus movimentos faciais: eu vejo a raiva em seu rosto e reajo a isto” (MALCOLM, 1993, p.92).

Neste ponto alguém poderia dizer que em *contextos normais* não colocamos em dúvida a existência de outras mentes, mas em *contextos filosóficos* essa dúvida seria genuína, pois ela seria uma espécie de motivação para buscarmos a solução da questão filosófica. O problema com isso é que, muitas vezes, nos *contextos filosóficos*, tendemos a utilizar os conceitos de maneira equivocada, justamente por nos esquecermos de seu fundamento pragmático. No problema da existência de outras mentes, no qual o conceito de “ser humano” é fundamental, devemos perceber que “ações e reações naturais e instintivas - ao invés de raciocínios refinados - estão na base de nosso conceito de “ser humano”, de um ser com mente e alma. Saber se outras pessoas são autômatos ou pessoas genuínas não pode surgir para mim” (MALCOLM, 1993, p.92).

É bem sabido que o ponto é polêmico e que muito mais poderia ser dito sobre ele. Mas não devemos perder o foco. A digressão nos serviu para elucidar a quarta analogia de Malcolm. Segundo ele, existe similaridade entre a visão de Wittgenstein de que nossos conceitos repousam sobre uma base de ações e reações humanas e sua visão de que aquilo que é mais fundamental em uma vida religiosa não é a afirmação de crenças, mas as boas obras e a mudança concreta da vida. Com estas observações encerramos a apresentação das quatro analogias. É produtivo finalizarmos com um sumário:

Assim, existem quatro analogias entre a concepção de Wittgenstein da gramática da linguagem e sua visão do que é importante em uma vida religiosa. Primeiro, em

7 Talvez em um futuro próximo, com o avanço da robótica e da inteligência artificial, diferenciar o conceito de “autômato” do conceito de “ser humano” seja filosoficamente relevante. Meu ponto, neste momento, é apenas chamar a atenção para os aspectos pré-rationais e instintivos, enfatizados por Malcolm em seu ensaio.

ambas existe um fim para a explicação; segundo, em ambas existe uma inclinação para nos surpreendermos com a existência de alguma coisa; terceiro, em ambas existe a noção de uma 'enfermidade'; quarto, em ambas fazer e agir tem prioridade sobre compreensão intelectual e raciocínio. (MALCOLM, 1993, p.92)

## 4 Considerações Finais

Meu objetivo neste texto foi expor a interpretação de Norman Malcolm em relação à frase-W. Em um primeiro momento esclareci as características gerais de sua estratégia analógica com o intuito de remover algumas ambiguidades. Depois, analisei cada uma das quatro analogias, enfatizando os aspectos que, segundo Malcolm, possibilitam aproximar, por um lado, a filosofia de Wittgenstein e, por outro, "a sua visão do que é importante em uma vida religiosa" (MALCOLM, 1993, p.92). De tal modo, o conflito exegético colocado pela frase é solucionado de forma analógica, como se Wittgenstein tivesse dito "Eu não sou um homem religioso, mas sei que existem analogias entre meu pensamento filosófico e um ponto de vista religioso".

A tentativa de esclarecer o significado da frase-W não é somente uma curiosidade exótica da *scholar* wittgensteiniana. Várias questões importantes da filosofia de Wittgenstein, por exemplo, aquelas que citei na introdução, recebem nova luz a depender do modo como se lida com a frase. Dito isso, nosso objetivo primariamente descritivo se justifica, ainda mais sendo o ensaio de Malcolm o ponto originário de tal debate. Existem muitos aspectos interessantes e corretos na abordagem de Malcolm, porém, ao meu ver, há também joio no trigo. Em um próximo artigo pretendo apresentar algumas críticas e propor uma abordagem alternativa da frase-W. Também por esse motivo procurei neste texto apresentar da forma mais clara possível a posição de Malcolm.

## Referências

- AGOSTINHO, S. *Confissões*. 17ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.
- BAKER, G. P.; HACKER, P.M.S. *Wittgenstein: Understanding and Meaning Part I - Essays*. Oxford: Blackwell, 2005.
- BÍBLIA SAGRADA. *Bíblia do Peregrino, Edição de estudo*. Comentários por Luís Alonso Schökel. São Paulo: Paulus, 2002.
- BRANQUINHO, J.; MURCHO, D.; GOMES, N. (orgs). *Enciclopédia de Termos Lógico-Filosóficos*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CLACK, B. R. *An Introduction to Wittgenstein's Philosophy of Religion*. Edinburgh: Edinburgh University, 1999.

DEANGELIS, W.J. *Ludwig Wittgenstein - a cultural point of view: philosophy in the darkness of this time*. Boston: Ashgate Wittgensteinian studies, 2007.

\_\_\_\_\_. "Ludwig Wittgenstein - A Religious Point of View?: Thoughts On Norman Malcolm's Last Philosophical Project". *Dialogue*, volume xxxii, Spring, 1997.

DRURY, M.O'C. "Conversations with Wittgenstein". In: RHEES, R (ed). *Recollections of Wittgenstein*. Oxford: Oxford University Press, 1984.

FRONDA, E. S. B. *Wittgenstein's (Misunderstood) Religious Thought*. Boston: Brill, 2010.

GLOCK, H.J. *Dicionário Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

HACKER, P. M. S. *Insight and Illusion: Themes in the Philosophy of Wittgenstein*. (Revised Edition). Oxford: Oxford University Press, 1986.

LABRON, T. *Wittgenstein's Religious Point of View*. London: Continuum, 2006.

MALCOLM, N. *Ludwig Wittgenstein: a memoir*. Revised 2nd ed. Oxford: Oxford University Press, 2001.

\_\_\_\_\_. *Wittgenstein: a Religious Point of View?* (Edited with a response by Peter Winch). London: Routledge, 1993.

MANDELI, Alison V. 'Notas Wittgensteinianas Sobre o Conceito de Milagre'. *Fundamento: revista de filosofia*, v. 7, p. 23-36, 2015.

\_\_\_\_\_. 'Wittgenstein sobre método teológico e predestinação'. *Griot*, v. 20, p. 243-256, 2020.

RHEES, R (ed). *Recollections of Wittgenstein*. Oxford: Oxford University Press, 1984.

SHIELDS, Phillips. *Logic and Sin in the Writings of Ludwig Wittgenstein*. Chicago and London: University of Chicago Press, 1993.

WINCH, P. "Discussion of Malcolm's Essay". In: MALCOLM, N. *Wittgenstein: a Religious Point of View?* (Edited with a response by Peter Winch). London: Routledge, 1993.

WITTGENSTEIN, L. (CSE) “Conferência Sobre Ética”. In: DALL’AGNOL, D. *Ética e Linguagem: uma introdução ao Tractatus de Wittgenstein*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2005.

\_\_\_\_\_. (CV) *Cultura e Valor*. Tradução de Jorge Mendes. Lisboa: Edições 70, 1980.

\_\_\_\_\_. (DC) *Da Certeza*. Tradução de Maria Elisa Costa. Lisboa: Edições 70, 1998.

\_\_\_\_\_. (IF) *Investigações Filosóficas*. In: Coleção os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1988.

\_\_\_\_\_. (ORF) “Observações sobre o ramo dourado de Frazer”. Tradução e notas comentadas João José Almeida. In: *Suplemento à Revista Digital AdVerbum* 2 (2): Jul a Dez 2007: pp. 186-231

\_\_\_\_\_. (RFM) “Remarks on the foundations of mathematics”. In.: *The collected works of Wittgenstein*. Oxford: Blackwell Publishers, 1998.

\_\_\_\_\_. *The collected works of Wittgenstein*. Oxford: Blackwell Publishers, 1998.

\_\_\_\_\_. (TLP) *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: Edusp, 2001.

\_\_\_\_\_. (Z) “Zettel”. In.: *The collected works of Wittgenstein*. Oxford: Blackwell Publishers, 1998.